



Percurso Latino

[Crônica]

Maria de Fátima
da Fonseca Lopes

Ouçã no Spotify



Sobre a autora:

Maria de Fátima da Fonseca Lopes é graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, já cursou Jornalismo e também foi aluna do IF. Atualmente bolsista no PIBID/História no campus Assú.

Percurso Latino

Maria de Fátima da Fonseca Lopes

Respirou fundo, cruzou os dedos, contou até três... continuou a subir os degraus daquela escada. A noite aos poucos ia chegando, o sol dizia adeus no horizonte. O medo retorna. A estrada asfaltada espera pelo mesmo ônibus que passa naquele horário, sempre pesado e silencioso. Não houve banco para se sentar, então teve que ir em pé com tantos outros companheiros de viagem. Seria a meia hora mais longa de sua vida. O destino? A universidade pública. Um dos braços segurava uma parte de ferro onde os alunos jogavam suas mochilas, o outro braço se apoiava em uma parte de um banco. De repente o ônibus pulava, de repente o medo lhe tomava conta, de repente o escuro do lado de fora lhe chamava a atenção. Assim, os seus olhos acompanhavam constantemente as árvores secas e cada vez mais o escuro se tornava sombrio. Pensou consigo: “será que mais alguém está vendo o que vejo?” A jovem filha de um mulato e de uma amarela começou a olhar para os arredores, e constatou consigo mesma que estava só em suas observações.

Diante disso, começou a analisar, e não de forma vulgar, o que aqueles estudantes faziam diante de uma viagem que tantas vezes parecia solitária e eterna. A moça que estava sentada em um banco ao seu lado mexia constantemente no celular, os dedos não paravam, digitavam afoitos como se o mundo fosse acabar ali, a jovem fitou as mensagens que apareciam no aplicativo de rede social que a outra lia com atenção. E, pelo que havia entendido, o namorado dessa moça estava terminando com ela por mensagem de WhatsApp. Dolorido. Em um banco mais a frente um rapaz passava as mãos no rosto, no começo ela achou que ele estava chorando, e, na verdade, estava... um choro que implorava por dormir.



Todos sabiam que ele saia do trabalho e vinha direto pegar o ônibus. Exausto, cansado e resistindo contra o próprio sistema.

É que ser pobre e estudar são antônimos. Algumas poucas pessoas romantizam, mas a grande maioria critica. É que ao longo desses séculos de dominação que o Brasil sofreu em sua construção social revelou uma nação que ou culpabiliza o pobre, ou é só mais um. E ela é mais uma. Criada por mãe solteira, abandonada pela família e carregando a morte de um pai que trabalhou até o dia que morreu. A sociedade brasileira a considera como uma vitoriosa que mesmo diante das dificuldades continua a lutar. Que luta é essa que ela sempre ou é explorada, ou é humilhada? Que sempre tem que pegar um ônibus lotado? Que toda vez que fica doente tem que chegar de madrugada no postinho e enfrentar uma fila enorme? É justo ter que trabalhar em 2 empregos diferentes para viver com o mínimo? E, além disso, tem que estudar porque foi ensinada desde pequena pelo seu pai que era melhor estudar do que ser escravo dos outros. E que esses outros são homens brancos com dinheiro.

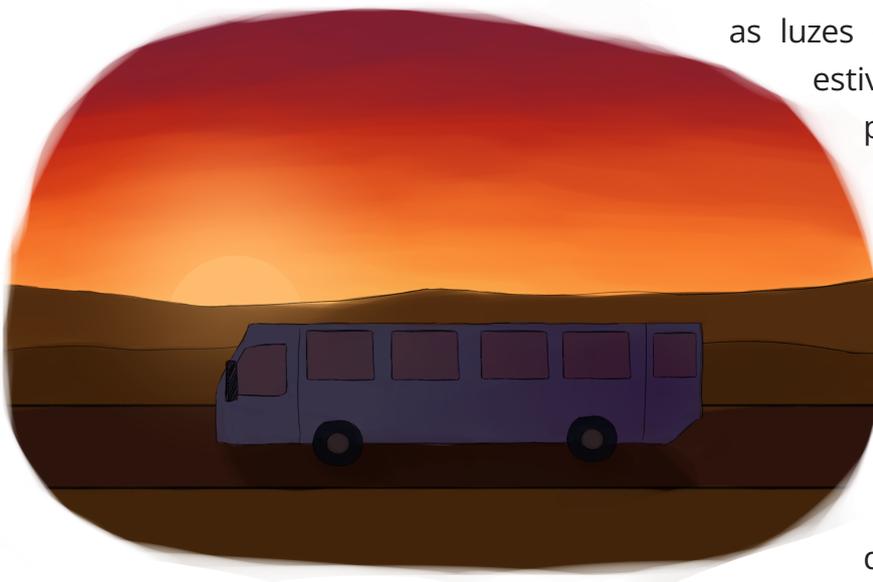
O ônibus parou bruscamente, ela caiu em cima de um colega e acabou machucando o próprio braço. Após o impacto, todos começaram a olhar para a frente em busca de respostas. A escuridão dificultava um pouco até que um colega que estava nas primeiras filas gritou "bateu numa vaca". O motorista desceu rapidamente. A jovem pediu desculpas ao colega que minutos antes havia caído por cima, ele a chamou para descer e ver o que tinha acontecido. E assim foi feito: ela desceu e viu o corpo do animal. Era uma vaca muito magra, de pelo escuro e manchas claras, o seu pescoço havia sido quebrado com o impacto. Por um breve segundo ela se sentiu mais próxima da realidade da vaca do que da sua própria história. Qual era o sentido passar o dia sofrendo em um trabalho para quando chegar a noite pegar um ônibus lotado, sentar em uma cadeira e escutar de professores frases que eram longe da sua realidade? O contexto é tão amplo que se perde na própria história.

Quando ela despertou, percebeu que três outros jovens ajudavam o motorista a levar o corpo da vaca para fora da estrada. Jogaram os restos mortais no acostamento. Ali estava paralisada, nem conseguia, nem se quer respirar. Era como se estivesse vendo o próprio reflexo... aquilo podia ser considerado vida? Retornou para o ônibus que agora andava lentamente. Que horas isso termina? O que seria um percurso de meia hora se tornou uma hora e meia. As suas pernas tremiam de dor. Ela prendeu



o cabelo, recém alisado com uma escova secadora, em um rabo de cavalo mal feito. A sua mente permanecia calada como se estivesse de luto pelo animal. O seu celular vibrou, era uma mensagem de sua mãe: “a carne acabou”. Era como se a vida não tivesse pena dos tantos conflitos que jogavam no seu caminho, mas ela sabia que não poderia culpar a droga da vida... quando era pequena ela ganhou uma bolsa numa escola particular, o seu pai ficou tão feliz que gastou quase um salário todo com material escolar, e nessa instituição lhe ensinaram que ser daquele jeito é uma forma errada existir. Não havia muitas garotas como ela, ninguém usava um tênis simples, todos compravam lanches e falavam sobre quando iriam viajar novamente. Ela nunca havia saído daquela cidade... o seu pai trabalhava numa construtora, sempre pediam para ele ficar mais tempo e um dia a máquina perdeu o controle. Depois da morte dele, a filha implorou para sair daquela escola. Retornou para o lugar que sempre se sentiu confortável: a sala de aula pública.

Ela olhava o reflexo que a janela fazia quando as luzes eram acesas, era como se estivesse vendo parte de um passado que ela odiava lembrar. Viver no escuro tende a nos fazer olhar para o submundo da mente... pensar e pensar. A eterna viagem que nunca acaba, aos poucos vai acabando com a gente. O veículo parou na esquina da faculdade. Não que havia parado por opção do motorista,



mas sim, porque a gasolina havia acabado. Todos desceram. Até chegar na sala de aula foram mais dez minutos, pediu licença, sentou na cadeira e antes que pudesse entender do que estava acontecendo naquela aula, o próprio professor a criticou por chegar atrasada e tecnicamente atrapalhado a sua aula. Poderia ter dito que foi devido a um acidente, poderia ter dito que o sistema era injusto porque muitas colegas também só chegavam atrasadas e não era certo julgar sem ao menos perguntar o motivo.

Mas como o patriarcado não gosta muito de escutar mulheres e muito menos dar ouvido aos pobres, ela resolveu ficar em silêncio. E não, não pediu desculpas porque seria mais uma humilhação para a lista e para ela tudo tem um basta. Ainda teria que ir pegar a mesma terra sertaneja... melhor guardar forças.